



ESPAÇOS E PODERES NA EUROPA URBANA MEDIEVAL

**Amélia Aguiar Andrade
Catarina Tente
Gonçalo Melo da Silva
Sara Prata, eds.**



ESPAÇOS E PODERES
NA EUROPA URBANA
MEDIEVAL

IEM – Instituto de Estudos Medievais

Coleção ESTUDOS 18

ESPAÇOS E PODERES
NA EUROPA URBANA
MEDIEVAL

AMÉLIA AGUIAR ANDRADE
CATARINA TENTE
GONÇALO MELO DA SILVA
SARA PRATA
Editores

Textos seleccionados das II Jornadas Internacionais de Idade Média “Espaços e poderes na Europa urbana medieval” (Castelo de Vide, 5 a 7 de Outubro de 2017) e textos apresentados pela maioria dos docentes da Escola de Outono “Espaços e Poderes na Europa Urbana Medieval” (Castelo de Vide, 2 a 3 de Outubro de 2017).

Arbitragem Científica:

Adelaide Milán da Costa (Universidade Aberta)
Alberto García Porras (Universidade de Granada)
Antonio Collantes de Terán (Universidade de Sevilha)
Antonio Malpica Cuello (Universidade de Granada)
Beatriz Arizaga Bolumburu (Universidade de Cantábria-Santander)
Denis Menjot (Universidade Lyon 2)
Filipa Roldão (Universidade de Coimbra)
Iria Gonçalves (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel del Val Valdivieso (Universidade de Valladolid)
Jean-Luc Fray (Université Clermont Auvergne)
José Avelino Gutiérrez González (Universidade de Oviedo)
María Asenjo González (Universidade Complutense de Madrid)
Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra)
Mário Jorge Barroca (Universidade do Porto)
Michel Bochaca (Universidade de La Rochelle)

O Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Publicação financiada pela Câmara Municipal de Castelo de Vide e por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projecto UID/HIS/00749/2013.

Título	Espaços e poderes na Europa urbana medieval
Editores	Amélia Aguiar Andrade, Catarina Tente, Gonçalo Melo da Silva, Sara Prata
Edição	IEM – Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide
Referência da imagem da capa	“Castelo de Vide”, António Manso / Câmara Municipal de Castelo de Vide
Colecção	Estudos 18
ISBN	978-989-99567-8-0 (IEM) 978-972-9040-15-3 (C. M. de Castelo de Vide)
Paginção e execução	Ricardo Naito / IEM – Instituto de Estudos Medievais, com base no design de Ana Pacheco
Depósito legal	XXXXXX/18
Impressão	Tipografia Priscos, Lda.

Índice

Nota de abertura 11
António Pita

Apresentação 13
Amélia Aguiar Andrade, Catarina Tente, Gonçalo Melo da Silva, Sara Prata

PARTE I

Reflexões em Torno de Metodologias e Fontes 17

La fabrique de l'espace de la ville. Quelques renouvellements des approches heuristiques et méthodologiques 19
Denis Menjot

História do Urbanismo: investigação, fontes e instrumentos 39
Luísa Trindade

Fuentes de informacion para el estudio de los espacios urbanos 79
Beatriz Arízaga Bolumburu

Sinais multiformes de identidade os arquivos familiares de elites urbanas medievais 101
Alice Borges Gago

Un planteamiento inicial para el estudio de las alcaicerías en ciudades secundarias del Reino Nazarí. El caso de Guadix y Baza 129
María del Carmen Jiménez Roldán

PARTE II

Marcas de Poder no Espaço Urbano 149

La Madinat-al-Hamra como un espacio del poder en Granada 151
Antonio Malpica Cuello

Pouvoirs dans l'espace urbain et espaces des pouvoirs urbains à Bordeaux (XIII^e-XVI^e siècles) 171
Michel Bochaca

La fabrique urbaine d'une petite ville médiévale par l'effet de l'interaction des pouvoirs : le cas de Billom.....	187
<i>Thomas Areal</i>	
Heráldica municipal e apropriação simbólica do espaço urbano medieval português	209
<i>Miguel Metelo de Seixas</i>	
Sinais multiformes de identidade: muitas dúvidas e algumas hipóteses em torno das sepulturas monumentais das elites urbanas na Lisboa do século XIV	231
<i>Carla Varela Fernandes</i>	
Poder e arquitetura urbana: a casa-torre no Porto Medieval	253
<i>Silvana R. Vieira de Sousa</i>	
PARTE III	
<i>Intervenções dos Poderes no Espaço Urbano.....</i>	265
Las transformaciones del espacio urbano. Ciudades y villas de la Castilla bajomedieval.....	267
<i>María Asenjo González</i>	
Laisser des traces. empreintes du pouvoir dans l'espace urbain du Saint Empire Romain à la fin du Moyen Âge	311
<i>Gisela Naegle</i>	
Os espaços dos mesteres nas cidades medievais e nas suas periferias: Tipologia e metodologia de análise.....	337
<i>Arnaldo Sousa Melo</i>	
O poder de fabricar a paisagem urbana medieval. Materialidades e discursos na cidade medieval de Braga.....	359
<i>Maria do Carmo Ribeiro</i>	
Las políticas de los concejos portuarios para garantizar el abastecimiento en el Norte de la Península Ibérica durante la Baja Edad Media. Estudio del caso de Laredo (España).....	381
<i>Javier Añibarro Rodríguez</i>	
Um equilíbrio de poderes: distribuição populacional e direitos paroquiais em Coimbra (1377-1385).....	397
<i>Maria Amélia Álvaro de Campos</i>	

Confronto político e ideologias de poder em Braga na Baixa Idade Média: Rebelião, coerção e obediência no último quartel do século XV	421
<i>Raquel de Oliveira Martins</i>	
O poder do tabelionato e da escrita na Lisboa dos séculos XIV e XV	441
<i>Ana Pereira Ferreira</i>	
A rede confraternal na cidade de Lisboa (séculos XIII-primeira metade do séc. XVI)	465
<i>Mário Farelo</i>	
PARTE IV	
<i>Perspectivas desde a Arqueologia</i>	493
A “cerca velha” de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas	495
<i>Nuno Mota, Marina Carvalhinhos, Pedro Miranda</i>	
Uma mesquita no arrabalde ocidental de al-Ušbûna	521
<i>Ana Caessa, Cristina Nozes, Nuno Mota</i>	
Muralha, Tercenas e Judiaria. Evidências arqueológicas medievais na Baixa de Lisboa	537
<i>Artur Rocha</i>	
O Convento de São Domingos, em Lisboa, e a leitura arqueológica das suas hortas, entre os séculos XIII e XV	553
<i>Rodrigo Banha da Silva</i>	
“Um poder do outro mundo”: o demónio da Casa da Severa, Lisboa	571
<i>António Marques, Tânia Manuel Casimiro</i>	
Recentes descobertas em Mértola. Breve notícia	589
<i>Virgílio Lopes</i>	
Símbolos e marcas rupestres nas ombreiras e lintéis de portais do Centro Histórico de Castelo de Vide: Contributos para a sua interpretação	599
<i>Sílvia Ricardo, João Magusto</i>	
O Castelo de Alcácer do Sal. Da fortificação islâmica às transformações ocorridas durante o domínio cristão	617
<i>Marta Isabel Caetano Leitão</i>	

Nota de Abertura

As mais antigas referências historiográficas medievais acerca de Castelo de Vide assinalam a sua inclusão nos jogos do poder monárquico. D. Afonso III entrega Portalegre, Arronches, Marvão e a povoação que acabará por denominar-se Castelo de Vide ao seu filho D. Afonso Sanches. A ascensão ao trono de D. Dinis levará à reclamação do seu irmão Afonso Sanches de supostos direitos sobre o mesmo. A resposta do rei será o cerco da povoação de Vide, perante obras de fortificação levadas a cabo por seu irmão, manifestação do seu crescente poder, pela concentração de povoações e territórios nas imediações da Serra de São Mamede. O espaço castelo-vidense permanecerá em mãos de Afonso Sanches até à sua morte, sendo posteriormente objecto de significativas iniciativas desde o poder régio, tanto de D. Dinis como de D. Afonso IV, que reforçam a sua importância militar e socioeconómica. A proximidade com a fronteira castelhana levará, paralelamente, ao desenvolvimento da sua espectacular arquitectura defensiva e a articulação entre a coroa e os seus poderes – civis e religiosos – que, localmente, gerem este território, a sua economia e as suas gentes durante os séculos seguintes.

Este episódio e os eventos subsequentes põem de relevo o papel que a localidade de Castelo de Vide desempenhou neste jogo de forças, como espaço de expressão e consolidação de poderes.

Actualmente, Castelo de Vide é um município que procura preservar e divulgar o seu passado histórico, fortalecendo uma oferta turística baseada no património local, a par com um apoio crescente à investigação científica.

Neste contexto, foi com enorme prazer que a Câmara Municipal de Castelo de Vide e o Instituto de Estudos Medievais organizaram as *II Jornadas Internacionais de Idade Média – Espaços e Poderes na Europa Urbana Medieval*. O sucesso de duas edições consecutivas reflecte um evento que já ganhou o seu lugar na agenda dos medievalistas europeus e cuja relevância se consolida no programa cultural do município.

A edição de 2017 trouxe também a realização de uma *Escola de Outono*, onde alunos de mestrado e de doutoramento em estudos medievais participaram numa formação ministrada por investigadores provenientes de prestigiadas universidades. Ao acolher especialistas de diferentes contextos e gerações, Castelo de Vide assume-se como uma plataforma de reflexão e debate, fomentando a produção de conhecimento especializado sobre a Europa Medieval.

O presente volume expressa essa mesma vontade, reunindo uma selecção dos textos apresentados nas *II Jornadas* e na *Escola de Outono*, com o intuito de conferir um maior impacto e perenidade a estes dois eventos académicos. Esta publicação, apoiada pela Câmara Municipal, constitui-se como uma obra de referência e consulta obrigatória para a investigação actual sobre a Idade Média, a partir das dinâmicas dos espaços urbanos europeus.

A qualidade dos resultados obtidos são também fruto da união de esforços entre a Câmara Municipal de Castelo de Vide e o Instituto de Estudos Medievais, e ambas instituições merecem congratular-se por conformarem um exemplo louvável de colaboração entre o poder local e o âmbito académico, e que certamente continuará a garantir o sucesso de futuras edições.

Deste modo Castelo de Vide acredita que apoiando este tipo de iniciativas científicas alicerça a base dos conteúdos do futuro.

António Pita

Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide

Apresentação

Muitas iniciativas em torno da História Medieval conhecem uma primeira edição sem continuidade, devido a circunstâncias diversas que nem sempre dependeram da vontade dos seus organizadores. Não aconteceu assim com as *Jornadas Internacionais de Idade Média de Castelo de Vide*, cuja realização se iniciou em 2016. No ano seguinte, associou-se a esta atividade uma *Escola de Outono* destinada a estudantes de mestrado e doutoramento em Idade Média, que glosou o mesmo tema das *Jornadas: Espaços e poderes na Europa Urbana medieval*.

Entusiasticamente apoiadas pela Câmara Municipal de Castelo de Vide, estas iniciativas assumiam-se como um contributo importante para a continuidade do protagonismo atribuído, na NOVA FCSH, desde os anos 80 do século passado, à investigação sobre a cidade medieval. Uma linha que o Instituto de Estudos Medievais (IEM) fez também sua desde a sua fundação em 2002, procurando, no entanto, conferir-lhe uma perspetiva mais interdisciplinar através da presença da Arqueologia, da Literatura, do Direito, entre outros ramos do saber.

No momento em que esta obra vai conhecer a sua divulgação pública já decorreu a segunda *Escola de Outono* e estão iniciadas as *3^{as} Jornadas*. Tornou-se assim possível juntar numa profícua e dinâmica semana de trabalho, em Castelo de Vide, jovens investigadores, especialistas de referência e público em geral, em torno de temáticas de estudo da cidade medieval, promovendo uma aliança entre a investigação, a formação e a divulgação.

Mas, a riqueza dessas atividades só pode ganhar outra expressão e continuidade quando chega aos que não estiveram nelas presentes. Tal só se torna possível através da publicação dos textos apresentados e discutidos. O livro que agora se coloca à disposição do público pretende cumprir esse objetivo. Trata-se da publicação de uma seleção dos textos apresentados na *Escola de Outono: Espaços e Poderes na Europa Urbana medieval*, e nas 2^{as} *Jornadas Internacionais de Idade Média: Espaços e Poderes na Europa Urbana medieval*, depois de serem alvo de uma dupla avaliação por pares.

Assim, reúnem-se 28 artigos produzidos por 34 investigadores provenientes de Portugal, Espanha, França e Alemanha que cobrem uma ampla cronologia que se estende entre a Antiguidade tardia e o dealbar do século XVI, compreendendo não só distintos espaços políticos cristãos mas também os de presença islâmica como o Al-Andalus e o reino nazari de Granada. Tal permite perspectivas diacrónicas e, a possibilidade de estabelecer frutuosas comparações

O âmbito da temática proposta para a segunda edição das *Jornadas*, a articulação entre os poderes presentes na cidade medieval e a sua relação com o espaço urbano como local de atuação e representação, foi extremamente propícia à interdisciplinaridade, manifestando-se em profícuos debates entre historiadores, arqueólogos, especialistas de arquivística, paleografia e heráldica e ainda historiadores de arte. Daí que as fontes de informação que sustentam os trabalhos que aqui se publicam sejam muito diversificadas – documentos escritos, heráldica, vestígios materiais, iconografia, iconologia, cartografia, entre outros – contribuindo não apenas para a riqueza das abordagens realizadas mas também proporcionando ao leitor a possibilidade de conhecer abundante material ilustrativo pouco conhecido ou até mesmo, inédito. Mas, esta diversidade de perspectivas e problemáticas, de fontes e conseqüentemente de metodologias, tornam difícil encontrar um só fio condutor para esta panóplia de estudos.

Porém, tornou-se claro que, sobretudo da *Escola de Outono* resultaram textos mais preocupados com a reflexão teórica em torno de conceitos de espaço e do seu uso, uma vez que nesta temática, os limiares entre História Urbana e História do Urbanismo mutuamente se influenciam. E tendo a *Escola* objetivos de formação de estudantes de mestrado e doutoramento, era fundamental promover a análise crítica das metodologias a utilizar perante fontes tão diversas como são as que permitem a aproximação aos estudos da relação entre o poder e o espaço. Uns e outros integram a parte I deste volume denominada *Reflexões em torno de metodologias e fontes*.

As partes II e III qualificadas respetivamente de *Marcas de poder no espaço urbano* e *Intervenções dos poderes no espaço urbano* estão profundamente interligadas

e, de certo modo, completam-se pois, se por um lado se pretende desvendar os distintos aspetos da materialização dos poderes nos contextos urbanos por outro, os autores preocuparam-se em esclarecer de que forma os distintos poderes em presença usaram esse mesmo poder para garantir intervenções sobre os espaços urbanos e as suas vivências bem como tal influenciou a utilização desse mesmo espaço pelas sociedades urbanas.

A IV e última parte é reveladora da importância que a arqueologia urbana medieval adquiriu em Portugal, em anos mais recentes. Intitulada *Perspetivas desde a Arqueologia*, reúne um conjunto de estudos nos quais é evidente o cruzar dos resultados do trabalho arqueológico com a análise documental. Os casos de Lisboa e de Castelo de Vide localidades que, por vicissitudes várias perderam parte da sua memória medieval – Lisboa perdeu a quase totalidade do edificado e da tessitura medieval e, Castelo de Vide sofre de uma muito escassa disponibilidade de documentação medieval – revelam que a arqueologia se pode revelar fundamental para a recuperação e compreensão dos espaços medievais.

No seu conjunto, esta obra disponibiliza aos leitores muito conhecimento novo, muitas pistas de investigação e salienta a importância das perspetivas comparativas e interdisciplinares para melhor caracterizar a articulação entre o espaço e o poder na cidade medieval europeia. Contudo, a cidade medieval é um tema verdadeiramente inesgotável, assumindo um amplo conjunto de temáticas, perspetivas e metodologias, pelo que muitas outras muitas outras poderiam ter sido as temáticas tratadas, as perspetivas seguidas, as metodologias propostas.

Infelizmente, esta obra não permite registar a riqueza dos debates que animaram todas as sessões das *Jornadas* e todas as lições da *Escola de Outono*. Temos a certeza que essas trocas de impressões, essas sugestões, essas críticas e esses comentários foram muito importantes para todos os participantes e constituíram, por certo, importantes achegas para outras investigações. Esse é afinal um dos principais objetivos destas *Jornadas* e desta *Escola de Outono*: contribuir para mais e melhor investigação sobre a cidade medieval.

*

Os editores queriam ainda deixar público o seu agradecimento a todas as instituições e pessoas que contribuíram para tornar este conjunto de iniciativas – *Jornadas Internacionais de Idade Média*, *Escola de Outono* e publicação desta obra – um êxito, garantindo ainda a sua continuidade no tempo. Na pessoa do seu Presidente Dr. António Pita, queremos agradecer à Câmara Municipal de Castelo de Vide o apoio incondicional a todas as nossas propostas que permitiu garantir a

sua realização e assegurar financeiramente esta publicação. Através da Dr.^a Patrícia Martins queremos agradecer aos funcionários e funcionárias da Câmara Municipal de Castelo de Vide a concretização, com muita descrição, mas sempre com a maior competência, dos pequenos e grandes detalhes que garantem o sucesso de um evento. Ao IEM, na pessoa da sua Diretora, Prof.^a Maria João Branco agradecemos o apoio financeiro a estas iniciativas e à publicação desta obra, esta última através do trabalho do Dr. Ricardo Naito no design e composição deste volume. A quantos participaram na *Escola de Outono* e nas *Jornadas* – estudantes, conferencistas convidados, comunicantes e assistentes – bem como aos revisores científicos desta obra queremos deixar o nosso obrigado pois, na verdade, é com o seu contributo que se está a implantar um fórum de discussão sobre a cidade medieval europeia que esperamos venha a ter continuidade por muitos e frutuosos anos. E por fim, aos habitantes de Castelo de Vide, a sua hospitalidade especial e generosa tem sido um elemento fundamental no sucesso de todas estas iniciativas.

Lisboa, Setembro de 2018.

Amélia Aguiar Andrade
Catarina Tente
Gonçalo Melo da Silva
Sara Prata

O Castelo de Alcácer do Sal.

Da fortificação islâmica às transformações ocorridas durante o domínio cristão

Marta Isabel Caetano Leitão¹

Resumo

O castelo de Alcácer do Sal, hoje bastante modificado pela edificação da pousada, constitui o resultado de diferentes etapas de construção e reformulação decorridas ao longo das Idades Média e Moderna, desde a edificação do palácio fortificado no século IX, passando pela sua adaptação aos Paços da Ordem de Santiago no século XIII e, posteriormente, no século XVI, com a implantação de um convento. Pretende-se, deste modo, através da análise dos paramentos construtivos, vestígios arqueológicos e fontes escritas, dar a conhecer as distintas transformações ocorridas na fortificação desde a ocupação muçulmana à instalação dos freires da Ordem de Santiago.

Palavra-chave

Arqueologia Medieval; Sistema Defensivo; Cidade; Testemunhos Materiais; Espaços de Poder.

¹ Bolseira de Doutoramento na Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/117606/2016). Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa (IAP). martaleitao11@gmail.com

The castle of Alcácer do Sal. From de Islamic fortification to the Christian transformations.

Abstract

The castle of Alcácer do Sal, today much modified by the building of the inn, is the result of different stages of construction and reformulation throughout the Middle and Modern Ages, from the building of the fortified palace in the 9th century, through its adaptation to the Paços of the Order of Santiago in the 13th century and, later, in the 16th century, with the establishment of a convent. In this way, through the analysis of the constructive facades, archaeological remains and written sources, it is intended to make known the different transformations that have occurred in the fortification since the Muslim occupation to the installation of the friars of the Order of Santiago.

Keywords

Medieval Archeology; Defensive System; City; Testimonials Materials; Power Spaces.

1. Introdução.

A ocupação na colina mais alta da cidade, onde hoje se ergue o castelo, teve início no Neolítico Final e perdurou até à Idade Moderna, quando se instalou no local um convento feminino para albergar as clarissas da Ordem de Santa Clara². Durante o século VIII os muçulmanos terão ocupado a cidade, todavia foi nos finais do século IX, no contexto da 1ª *fitna*, que se instalou em Alcácer do Sal a família berbere dos *Banu Danis*, efectuando-se a partir daquele momento uma reestruturação nas suas defesas, dado os constantes ataques perpetuados pelos normandos ao longo da costa³.

Em 929, já durante o Período Califal, *Abd al-Rahman III* confirma o domínio daquela família berbere na região de Alcácer, onde se incluía a Serra da Arrábida e a cordilheira montanhosa de Grândola e Cercal⁴. Com a queda do Califado, no século XI, e o surgimento de pequenos reinos autónomos, Alcácer do Sal é incorporada ao Reino *Aftássida* de Badajoz em 1033-1034, tornando-se no seu porto principal e única estrada para o atlântico⁵.

Durante a dominação almorávida, o distrito de *al-Qasr* englobava, pelo menos no plano militar, a vasta região de Évora, Badajoz, Mérida e Coria, mantendo a sua importância de cidade portuária e de base naval⁶. Após a queda daqueles, Alcácer do Sal torna-se, entre 1151-1157, num reino independente até à sua reconquista, em 1160, por D. Afonso Henriques⁷. Passados trinta e um anos desta tomada, designadamente em 1191, o califa almóada, *Ya'qub al-Mansur* recupera a cidade e manda executar obras de fortificação naquela, colocando em seguida no governo, *Muhammad b. Sidray b. Wazir*, família que tinha anteriormente dominado a região de Évora⁸.

² FARIA, João Carlos Lázaro – *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*. Lisboa: Edições Colibri, 2002, p. 97.

³ FERNANDES, Isabel Cristina; PICARD, Christophe – “La Défense côtière à l'époque musulmane: l'exemple de la presqu'île de Setúbal”. *Archéologie Islamique* 8 (1999). Paris: CNRS – Maisonneuve et Larose, p. 70.

⁴ CRÓNICA ANÓNIMA de *Abd al-Rahmân III al-Nâsir* (Ed. e trad. por E. Lévi-Provençal e E. Garcia Gómez). Madrid – Granada: C.S.I.C., 1950, p. 158. CATARINO, Helena – “Breve sinopse sobre topónimos Arrábida na costa portuguesa”. In FRANCO SÁNCHEZ, Francisco (Ed.) – *La rãbita en el islam: estudios interdisciplinares*. Ajuntament de Sant Carles de la Ràpita – Universitat d'Alacant, 2004, p. 264.

⁵ CORREIA, Fernando Branco – *Elvas na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri / CIDEHUS-Universidade de Évora, 2013, p. 59.

⁶ AL-IDRÍSĪ – *Description de l'Afrique et de l'Espagne* (Texte arabe avec une traduction des notes et un glossaire par Reinhart Dozy et Michael Jean de Goeje). Leiden: E. J. Brill, 1866, p. 211.

⁷ CARVALHO, António Rafael – *Alcácer do Sal no final do Período Islâmico (Séculos XII-XIII): Novos Elementos sobre a 1ª Conquista Portuguesa*. Alcácer: Município de Alcácer do Sal, 2008, pp. 23-25.

⁸ CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol Aires – *Al-Qasr Arqueologia e Historia de uma Madina do Garb al-Andalus sécs. VIII-XIII*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal, 2008, p. 62.

Em 1217, Alcácer é definitivamente reconquistada pelos cristãos tornando-se sede da Ordem de Santiago de Espada⁹.

No âmbito da construção de uma pousada foram realizadas escavações arqueológicas no interior do castelo, entre 1993 e 1997, a cargo do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR) e da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, que permitiram conhecer as distintas fases de ocupação do arqueossítio¹⁰.

2. O Período Omíada.

2.1. A fortificação.

Através da leitura dos paramentos construtivos, assim como dos testemunhos materiais identificados no interior da fortificação durante as referidas intervenções, pôde-se constatar que Alcácer do Sal possuía no século IX, um palácio fortificado de planta quadrangular com quatro torres rectangulares, bem destacadas e maciças nos seus ângulos, característica das torres Tardo-Romanas e do Período Emiral, apresentado aquele semelhanças com as fortificações omíadas orientais, datadas do século VIII, existentes na zona da Síria e da Jordânia com influências bizantinas e sassânidas¹¹.

Na Península Ibérica também se encontram fortificações com este tipo de modelo erguidas durante o Período Omíada, no século IX, como o caso da alcáçova de Mérida, Castelo de El Vacar, na província de Córdova, a primitiva alcáçova de Silves e a alcáçova do Castelo de Palmela, conhecendo-se também exemplos para o Norte de África, datáveis do século X, correspondentes ao Período Califal, como é o caso de Ceuta¹².

⁹ COTTART, Nicole Danièle; CARVALHO, António – “Os grafitos da muralha almóada de Alcácer do Sal”. *Conimbriga* XLIX (2010), p. 194.

¹⁰ PAIXÃO, António Manuel Cavaleiro; CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos Lázaro – “O castelo de Alcácer do Sal. Um projecto de arqueologia urbana”. *Bracara Augusta*, 46 (1994). Braga, p. 222.

¹¹ SOLER, Alvaro; ZOZAYA, Juan – “Castillos omeyas de planta cuadrada: su relación funcional”. In CONDE, J. Fernández (Coord.) – *III Congreso de Arqueología Medieval Española. Actas III Comunicaciones*. Oviedo: Universidad de Oviedo, 1989, p. 265. PAIXÃO, António Manuel Cavaleiro; CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos Lázaro – “Contributo para o estudo da ocupação muçulmana no Castelo de Alcácer do Sal: O Convento de Aracoelli”. *Arqueologia Medieval* 7 (2001). Mértola: Edições Afrontamento, p. 203. STIERLIN, Henri – *Islão: de Bagdade a Córdova – A arquitectura primitiva do século VII ao século XIII*. Hohenzollernring: Taschen, 2002, pp. 65-82. ENDERLEIN, Volkmar – “Syria and Palestine: The Umayyad caliphate”. In HATTSTEIN, Markus; DELIUS, Peter (Eds.) – *Islam: Art and Architecture*. Tandem Verlag GmbH, Konemann, 2004, pp. 73-78. LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território e o sistema defensivo*. Mauritius: Novas Edições Académicas, 2017 p. 56.

¹² SOLER, Alvaro; ZOZAYA, Juan – *Castillos omeyas de planta cuadrada...*, p. 265. FERNANDES, Isabel Cristina – *O Castelo de Palmela do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri, 2004, p. 239. VILLADA PAREDES,

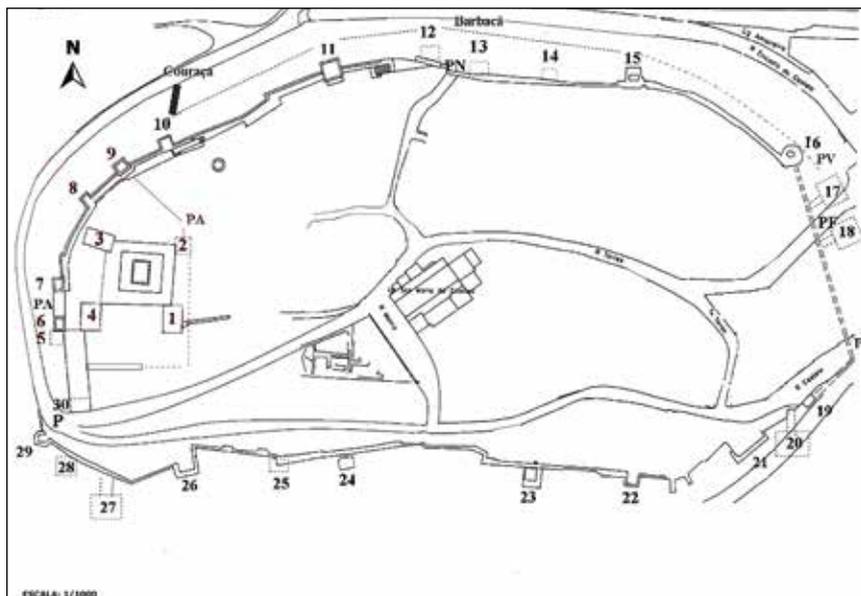


Fig. 1 – Planta do recinto amuralhado da medina e alcáçova com as respectivas portas e postigos. Reconstituição com base nos vestígios arqueológicos, documentação escrita e fotográfica.

As quatro torres que integram os ângulos do *al-qasr* foram edificadas com silhares de pedra, reaproveitados de anteriores edifícios do Período Romano, apresentado o sistema de construção em *soga e tissão*¹³. Pode-se observar modelo construtivo semelhante nas muralhas omíadas de Mérida, de Cória, de Vascos, do Castelo de Castros em Cáceres e também em uma das torres do Castelo de Palmela, que inclusive apresenta uma dimensão de 10,2 m × 10,5 m, assemelhando-se à largura da face Norte da torre 4 da alcáçova de Alcácer com 10,88 m, datável igualmente do século IX¹⁴.

Internamente o palácio estrutura-se em redor de um pátio central e é composto por dois pisos, achando-se no segundo uma porta de arco ultrapassado, não apontado e sem *alfiz*, integrada na torre 3 que dava acesso ao segundo piso daquele¹⁵.

Fernando; GURRIARÁN DAZA – Pedro “Recientes investigaciones sobre las fortificaciones del Califato Omeya en el estrecho de Gibraltar (Tarifa, Algeciras, Tânger, Ceuta)”. In FERNANDES, Isabel Cristina (Coord.) – *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, vol. II. Lisboa: Edições Colibri / Campo Arqueológico de Mértola, 2013, p. 54. GOMES, Rosa Varela – *Arquitecturas: Testemunhos Islâmicos em Portugal*. Lisboa: Castelo de São Jorge, 2013, p. 26.

¹³ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território...*, p. 57.

¹⁴ FERNANDES, Isabel Cristina – *O Castelo de Palmela do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri, 2004, p. 239.

¹⁵ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “A Porta Muçulmana da Alcáçova de Alcácer do Sal”. *Al-Madan* II Série 20:2 (2016), p. 83.

Nos inícios do século X, *Alī ibn Hawqal*, faz referência a Alcácer afirmando que aquela seria já uma cidade fortificada¹⁶. A chegada de embarcações vikings ao longo da costa do *al-Andalus*, ocorrendo o primeiro ataque em 844 na cidade de Lisboa, obrigou, naturalmente, o poder Omíada de Córdova a proceder à construção de novas fortificações e torres atalaia nessas mesmas zonas, visando proteger as cidades, mas também os seus territórios de novas investidas¹⁷. Para isso foi necessário dotar, igualmente, esses núcleos urbanos de equipamentos próprios através da instalação de estaleiros de construção naval, como foi exemplo Sevilha, Faro e Silves, mas também Alcácer, com a finalidade de manter uma frota militar permanente e vigilante em toda a costa ocidental do *al-Andalus*¹⁸. A construção de embarcações requeria toda uma indústria da madeira com plantação de árvores e que, para o caso de Alcácer, já em pleno século XII sabemos, através do geógrafo *Idrisi*, que grande parte da madeira utilizada no estaleiro daquela cidade era extraída dos pinheiros na zona envolvente¹⁹, sendo a sua presença, ainda hoje, atestada na paisagem do território alcacerense. Aquele estaleiro permitiu que, em 997, *Ibn'Amir al-Mansur* ali se dirigisse para equipar os barcos antes do seu ataque a Santiago de Compostela²⁰. Um estaleiro a funcionar em pleno século X só seria possível se antes tivesse ocorrido um investimento prévio na preparação da sua edificação, dado que seria necessário mão-de-obra habilitada para as várias fases de construção, mas também matéria-prima disponível nas imediações, o que implicava um investimento na plantação de árvores, que teria que ser feito uns anos antes de a madeira estar pronta para ser extraída, destinada à construção naval²¹. É, portanto, admissível que, logo após o primeiro ataque viking, os Omíadas tenham decidido reforçar as defesas da cidade e construir nela um estaleiro de construção naval.

Do ponto de vista arqueológico o palácio fortificado de Alcácer do Sal enquadra-se nas obras de defesa empreendidas no litoral pelo Emirato de Córdova, a partir da primeira metade do século IX, conforme se pôde comprovar

¹⁶ REI, António – *O Gharb Al-Andalus Al-Aqsâ na Geografia Árabe (séculos III h. / IX d.c.-XI h. / XVII d.c.)*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2012, p. 117.

¹⁷ IBN HAYYÂN, *almuqtabis II-1 – Crónica de los emires Alhakam I y Abdarrahmân II entre los años 796 y 847* (Trad. notas e índices, Mamud Ali Makkî e Federico Corriente). Zaragoza: I.E.I.O.P., 2001, pp. 317-318.

¹⁸ CORREIA, Fernando Branco – “Fortificações de iniciativa omíada no Gharb al-Andalus nos séculos IX e X – hipóteses em torno da chegada dos Majus (entre Tejo e Mondego)”. In FERNANDES, Isabel Cristina (Coord.) – *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Vol. II. Lisboa: Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, 2013, pp. 74-75.

¹⁹ AL-IDRÍSÍ – *La première Géographie de L'Occident* (Presentation, notes, index, chronologie et bibliographie par Henri Bresc et Annliese Nef, traduction du chevalier Jaubert, revue par Annliese Nef). Paris: Flammarion, 1999, pp. 263-264.

²⁰ DOZY, Reinhart – *Historia de los musulmanes de España*, III-IV. Madrid: Turner Publicaciones, S.L., 2010, p. 133.

²¹ CORREIA, Fernando Branco – “Fortificações de iniciativa omíada...”, p. 80.

pelas cerâmicas ali exumadas e de dois capitéis palacianos atribuíveis aos finais do século IX e inícios do X²².

Durante o Califado sabe-se, através de *Ibn Hayyan*, que *Abd al-Rahman III* confirma o governo dos *Banu Danis*, família berbere que se instalou em Alcácer no século IX, à frente dos domínios da cidade e dos seus territórios, fazendo com que aquela florescesse e entrasse nos circuitos comerciais de Córdova, justificando, assim, a edificação de um novo recinto amuralhado para proteger o núcleo urbano e a construção de um pano de muralha na alcáçova, descoberto durante as intervenções arqueológicas mencionadas, que viria a separar aquela da *medina*, abrindo-se igualmente nele uma porta que daria acesso a esta *última*²³. Foram construídas igualmente novas torres, quer na alcáçova, quer no núcleo urbano, de formato quadrangular, edificadas em alvenaria de pedra, assemelhando-se as mesmas, a algumas das torres do Castelo de Palmela, datáveis igualmente do século X, também construídas, provavelmente, durante o Califado²⁴.

Para além da porta que permitia o acesso da alcáçova para a *medina*, haveria uma outra localizada a Oeste e que terá sido, possivelmente, também edificada nesta altura que saia da alcáçova comunicando directamente com o exterior. Trava-se de uma entrada directa defendida por duas torres²⁵. Este tipo de entradas são conhecidas para a fase inicial do Período Islâmico na alcáçova de Mérida²⁶.

Quanto às portas que integrariam o núcleo urbano, são desconhecidas, contudo pensa-se que corresponderiam às portas existentes durante a última fase de ocupação islâmica, as quais falarei mais à frente.

2.2. Estruturas habitacionais e de armazenamento.

O interior do palácio e, posteriormente, alcáçova foi igualmente dotado de espaços próprios necessários para as actividades quotidianas, espaços esses colocados a descoberto durante as intervenções arqueológicas já citadas. Junto da arcaria Sul do claustro do convento, construído na Idade Moderna, identificou-se arranque de uma parede com vestígios de estuque, encontrando-se adossada a ela, do lado Este, uma lareira ligada a um poço de abertura e secção circular, com

²² PAIXÃO, António Manuel Cavaleiro; CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos Lázaro – “O castelo de Alcácer do Sal...”, p. 227. PAIXÃO, António Manuel Cavaleiro; CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos Lázaro – “Contributo para o estudo da ocupação...”, pp. 203-207. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *História da Arte em Portugal: arte da alta Idade Média*, vol. II. Lisboa: Publicações Alfa, 1993, p. 81.

²³ CRÓNICA ANÓNIMA de *Abd al-Rahmân*..., p. 158. LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Alcácer do Sal Durante o Período Muçulmano (IX-XIII)”. *Debates de Arqueología Medieval*, nº 6 (2016). Granada, p. 218.

²⁴ FERNANDES, Isabel Cristina – *O Castelo de Palmela*..., p. 241.

²⁵ FERNANDES, Isabel Cristina – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território*..., pp. 59-60.

²⁶ TORRES BALBÁS, Leopoldo – *Ciudades Hispanomusulmanas*. Madrid: Instituto Hispano Árabe de Cultura, 1985, p. 606.

uma profundidade de cerca de 5 metros²⁷, edificado em silharia de pedra bem aparelhada e intercalada por fiadas de tijolo e argamassa²⁸.

Este tipo de construção é característico das edificações iniciais do Período Islâmico, permitindo lançar a possibilidade daquelas terem sido erigidas durante o Período Emiral/Califal, certamente sob o domínio dos *Banu Danis*, tratando-se aquele espaço, possivelmente, de uma cozinha do primitivo *al-qasr*²⁹.

Um outro compartimento identificado por baixo de outro datado do período de ocupação das comunidades magrebinas, enquadrar-se-á igualmente na datação referida, dado ter-se descoberto a esse nível, espólios *in situ*, entre eles uma peça de um cântaro intacto com pintura branca, datado do século IX, correspondente ao Período Emiral³⁰. Quanto à funcionalidade que teria esta divisão é, até ao momento, desconhecida.

3. Domínio das dinastias magrebinas.

3.1. Dispositivos defensivos.

Os vestígios que subsistem da fortificação actual datam maioritariamente do Período Almóada, contudo cabe destacar uma intervenção na porta da alcáçova que comunicava com o exterior, que terá sido efectuada, possivelmente, durante o Período Almorávida. A entrada directa edificada durante o Califado terá sido desactivada construindo-se um sistema mais complexo³¹. Foi edificada nessa altura a torre albarrã 6, construída em pedra e taipa, abrindo-se nela uma nova porta, criando-se igualmente um passadiço entre aquela e a torre 4 da alcáçova, encontrando-se por baixo dele uma outra porta de arco ultrapassado integrada num *alfiz*, formando o conjunto uma entrada em triplo cotovelo³². É possível que aquelas estruturas datem da segunda metade do século XI, dado que são conhecidas portas inseridas nas torres durante o Período Almorávida³³.

²⁷ ARIA, João Carlos Lázaro; PAIXÃO, António Cavaleiro – *Relatório das escavações arqueológicas no convento de Nossa Senhora de Aracaeli*. Alcácer do Sal, 1996, p. 21.

²⁸ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Alcácer do Sal Durante o Período...”, p. 225.

²⁹ NAVARRO PALAZÓN, Julio; JIMÉNEZ CASTILLO, Pedro – *Excavaciones arqueológicas en la ciudad de Murcia: Platería 14. Sobre cuatro casas andalusíes y su evolución (siglos X-XIII)*. Murcia: Centro de Estudos Arabes y Arqueológicos “Ibn Arabi”, 1997, p. 30. LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Alcácer do Sal Durante o Período...”, p. 225.

³⁰ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): urbanismo, quotidianos e cultural material*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2017, p. 7.

³¹ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território...*, p. 60.

³² LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Alcácer do Sal Durante o Período...”, p. 215.

³³ TORRES BALBÁS, Leopoldo – *Ciudades Hispanomusulmanas...*, p. 478.

Para além disso, sabe-se que estes procederam à edificação e restauro de estruturas defensivas no *al-Andalus* nas alcáçovas e nos núcleos urbanos³⁴. Alcácer era, desde o Período Califal, o porto mais importante da costa ocidental a Norte do Cabo de São Vicente. Posteriormente, com os almorávidas, *Idrisi* refere a importância daquela salientando a sua ligação ao mar e a sua intensa actividade comercial³⁵. Era, ainda, daquele porto, assim como os de Sevilha, Silves e Lisboa, que partiam as esquadras muçulmanas para efectuar pilhagens nas costas dos territórios cristãos³⁶. Com a Reconquista Cristã de Lisboa, em 1147, por D. Afonso Henriques, a importância daquela praça cresce, tornando-se o principal reduto contra os cristãos na região do Alentejo Ocidental e uma ameaça constante para a cidade de Lisboa³⁷. Em 1160, o primeiro rei português toma a cidade e, uns anos mais tarde, em 1178, *Ali b. Wazir* e o governador almóada *Umar b. Timsalut* tentam recuperá-la, mas sem sucesso³⁸. Somente em 1191, o califa almóada *Abu Yu'qub al-Mansur*, consegue reconquistar a cidade e após a sua tomada permanece alguns dias naquela e ordena que se realizem obras na fortificação e no núcleo urbano, tendo-se construído nesta altura um novo recinto amuralhado em taipa, uma barbacã e uma couraça³⁹.

Esta nova muralha segue praticamente o mesmo traçado que a anterior e as torres que a integram, tratam-se de torres rectangulares, quadrangulares, adossadas à muralha e albarrãs, edificadas em taipa e com alicerces em pedra. Aquelas são semelhantes às torres existentes em Silves, Badajoz e Cáceres, similarmente alvo de reconstruções no Período Almóada por parte do mesmo califa, onde se podem encontrar torres octogonais com base quadrada, análogas à torre octogonal que se encontra no extremo nascente do circuito amuralhado de Alcácer do Sal e que teria como objectivo defender um postigo que aí se localizaria⁴⁰. Relativamente às

³⁴ COBALEDA, María Marcos – “Restos materiales del papel de Algeciras en la conquista almorávide de al-Andalus”. In COSTA, Adelaide Millán da; ANDRADE, Amélia Aguiar; TENTE, Catarina (Eds.) – *O papel das pequenas cidades na construção da Europa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2007, p. 165.

³⁵ AL-IDRÍSÍ – *Description de l'Afrique et de l'Espagne...*, p. 211.

³⁶ AL-HIMYARI – *La Péninsule Ibérique au Momyen Âge d'après le Kitâb al-Rawd ad-Mi'târ fi jabar al-Aqtâr d'Ibn 'Abd al-Mun'im al-Himyari*. Traducción de Évariste Lévi-Provençal. Leyden: E. J. Brill, 1938, p. 223. PICARD, Christophe – *Le Portugal musulman (VIII^e-XIII^e siècle): l'occident d'al-Andalus sous domination islamique*. Paris: Maisonneuve et Larose, 2000, p. 195.

³⁷ SILVA, Carlos Guardado da – *Lisboa Medieval – A organização e estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri, 2010, p. 74.

³⁸ GALVÃO, Duarte – *Chronica do Muito Alto, e Muito Esclarecido Principe D. Affonso Henriques Primeiro Rey de Portugal*. Lisboa Occidental: Officina Ferreyriana, 1726, p. 187. SILVA, Carlos Guardado da – *Lisboa Medieval...*, p. 74.

³⁹ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território...*, p. 84.

⁴⁰ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Alcácer do Sal Durante o Período...”, pp. 220-221. LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território...*, p. 85.

torres que se acham à altura do adarve, podemos encontrar também na muralha de Hoya em Almeria⁴¹.

Observam-se, ainda, nestas construções, nas juntas entre os blocos de taipa, as marcas dos quadriláteros traçados com gesso de estuque simulando uma falsa silharia, podendo-se encontrar também no Castelo de Silves, no Castelo Belinho e no Castelo de Paderne atribuíveis ao Período Almóada e, possivelmente, uma característica das construções de *Abu Yu'qub al-Mansur*⁴².

Outra particularidade presente nestas torres é as suas ameias de forma quadrangular com coberturas em piramidal, conhecendo-se casos semelhantes para Badajoz, Sevilha, Tarifa e Cáceres⁴³.

Relativamente às portas e postigos, para além das já mencionadas na alcáçova, edificadas no século X, haveria pelo menos mais três portas no circuito amuralhado que envolvia a *medina*⁴⁴. Uma delas estaria localizada a Nascente, nomeadamente a Porta de Ferro, e outra a Norte, assinaladamente a Porta Nova, surgindo ambas mencionadas nas fontes escritas⁴⁵. No que respeita à Porta de Ferro, conhecem-se portas de fundação islâmica com esta designação em Córdova, Sagunto, Huesca, Palma de Maiorca e Elvas⁴⁶, podendo aquela ter sido similarmente edificada durante a ocupação muçulmana da cidade sendo, possivelmente, defendida por duas torres, conforme atesta hoje em dia o nome da rua que seguiria na sua direcção.

⁴¹TORRES BALBÁS, Leopoldo – *Ciudades Hispanomusulmanas...*, pp. 483-486. PAVÓN MALDONADO, Basilio – *Ciudades y Fortalezas Lusomusulmanas* – Crónicas de viajes por el sur de Portugal. Madrid: Agencia Española De Cooperación Internacional, 1993, p. 17. MÁRQUEZ BUENO, Samuel; GURRIARÁN DAZA, Pedro – “La muralla almohade de Cáceres: aspectos constructivos, formales y funcionales”. *Arqueología y territorio medieval*, nº 10: I (2003), pp. 65-97. GOMES, Rosa Varela – *Silves (Xelb) uma cidade do Gharb Al-Andalus: o núcleo urbano*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2006, pp. 9-26.

⁴²CATARINO, Helena – “O castelo de Paderne (Albufeira): Resultados da primeira intervenção arqueológica”. *Arqueologia Medieval* 3 (1994). Mértola: Edições Afrontamento, p. 74. FERNANDES, Isabel Cristina – *O Castelo de Palmela...*, p. 35. GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela – “Castelo Belinho – Uma residência fortificada almoada”. In FERNANDES, Isabel Cristina (Coord.) – *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Vol. II. Lisboa: Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, 2013, p. 146. GOMES, Rosa Varela – *Arquitecturas: Testemunhos...*, p. 47.

⁴³TORRES BALBÁS, Leopoldo – *Ciudades Hispanomusulmanas...*, pp. 512-585. ZOZAYA, Juan – “Fortificaciones tempranas”. *Actas del I Congreso de Castellología Ibérica*. Palencia: Excma Dptuación Provincial de Palencia, 1994, p. 143. ÁRQUEZ BUENO, Samuel; GURRIARÁN DAZA, Pedro – “La muralla almohade de Cáceres...”, p. 95.

⁴⁴LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Alcácer do Sal Durante o Período...”, p. 222.

⁴⁵CARDOSO, Padre Luiz – *Diccionario Geografico, ou Noticia Historica de todas as cidades, Villas, Lugares, e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: Regia Officina Sylviana / Academia Real, 1747, p. 35. AFONSO, Carlos Filipe – “Técnicas e tácticas de assédio e defesa dos castelos de Portugal no contexto da reconquista – O caso de Alcácer, 1217”. In FERNANDES, Isabel Cristina (Coord.) – *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Vol. II. Lisboa: Edições Colibri / Campo Arqueológico de Mértola, 2013, p. 532.

⁴⁶TORRES BALBÁS, Leopoldo – *Ciudades Hispanomusulmanas...*, p. 605. CORREIA, Fernando Branco – *Elvas na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri / CIDEHUS-Universidade de Évora, 2013, p. 114.

No que respeita à Porta Nova sabe-se que já existia no final da Idade Média conhecendo-se a sua localização por um gravura da fortificação, datada de 1813, onde se observa uma torre que a defendia, possivelmente do Período Islâmico, existindo ainda hoje, no local, vestígios dessa torre e de uma outra que juntamente com aquela defenderia a porta⁴⁷. Além disso, a Norte da cidade, existem vestígios de uma necrópole islâmica, conforme se comprovou arqueologicamente pela descoberta de um enterramento de inumação em decúbito lateral direito⁴⁸. Apesar de a designação de Porta Nova ser um nome que nos remete para o Período Cristão, não quer dizer que aquela tenha sido edificada nessa altura. Caso semelhante surge em Elvas onde uma porta com a mesma designação foi erguida no final do Período Islâmico⁴⁹, podendo a Porta Nova de Alcácer remeter também para essa fase.

Haveria ainda uma outra porta localizada a Oeste e que surge mencionada na documentação como postigo, situada perto dos Paços da Ordem de Santiago⁵⁰, talvez entre as torres 29 e 30 do recinto amuralhado, tendo sido possivelmente uma das principais portas da cidade durante o Período Islâmico, dado ai se localizar uma das possíveis vias principais da *medina*, actual Rua das Torres, que em direcção a Este iria ter à Porta de Ferro, encontrando-se ainda, nas suas imediações, uma necrópole do período em análise⁵¹. O facto de a mesma já não surgir mencionada na documentação da Idade Média como porta, mas sim como um postigo, poderá indicar a sua desactivação durante o domínio cristão, após a reconquista da cidade em 1217⁵².

Para além das quatro portas que comunicavam com o exterior, haveria ainda dois postigos, um situado a Nascente e outro a Sul. Relativamente ao primeiro, surge mencionado na documentação como o Postigo Velho⁵³, não sendo referida a sua localização, todavia o mesmo encontrava-se junto da torre octogonal a nascente, possuindo um arco ultrapassado, remetendo a sua edificação para a Época Islâmica, possivelmente durante a dominação Almóada, nos finais do século XII, quando se ergueu a torre⁵⁴. No que respeita ao postigo que se encontrava a Sul, surge mencionado no século XVI quando se faz referência à construção de uma nova Ermida da Nossa Senhora da Conceição da Porta de Ferro, dado que

⁴⁷ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Alcácer do Sal Durante o Período...”, p. 224.

⁴⁸ FARIA, João Carlos Lázaro – *Relatório da intervenção arqueológica na necrópole de S. Francisco*. Alcácer do Sal: Arqueohoje, 2000, pp. 1-8.

⁴⁹ CORREIA, Fernando Branco – *Elvas na Idade Média...*, p. 165.

⁵⁰ PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Alcácer do Sal na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri, 2000, pp. 64-68.

⁵¹ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território...*, p. 87. LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): urbanismo...*, p. 27.

⁵² LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território...*, p. 87.

⁵³ PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Alcácer do Sal na Idade Média...*, p. 64.

⁵⁴ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Alcácer do Sal Durante o Período...”, p. 224.

a anterior se achava “*muyto danificada*”⁵⁵, optando-se por fazer “*outra nova na torre à entrada do castello, como ellRey que estaa em glorya ordenou*”⁵⁶. A referida ermida encontra-se localizada na torre 19 do circuito amuralhado, e o facto de aquela descrição fazer alusão a uma entrada no castelo junto desta torre, poderá indicar a existência de um postigo nessa zona que permitia o acesso ao exterior da zona Sul do recinto amuralhado, onde se encontrava o rio, não descartando a hipótese de aquele poder remontar ao Período Islâmico, todavia desconhece-se, dentro do respectivo período, o momento da sua edificação.

3.2. Estruturas habitacionais e de armazenamento.

No que respeita às estruturas datadas do domínio das dinastias norte-africanas foram identificadas, durante as intervenções arqueológicas, paredes delimitando espaços habitacionais, edificadas em silharia de pedra e decoradas em estuque com pintura a vermelho e branco. Achavam-se ao mesmo nível que estas construções, habitações da Idade do Ferro e do Período Romano que terão sido reutilizadas durante este período, dado ai se terem encontrado reminiscências da realização de obras efectuadas nesta última época⁵⁷. Associados a estas construções estavam silos para a conservação e armazenamento dos alimentos, assim como fossas sépticas com condutas⁵⁸.

O compartimento achava-se por cima de um outro edificado no Período Emiral/Califal e tratar-se-ia, possivelmente, de um salão, dado que apresenta decoração semelhante aos salões identificados nas habitações almorávidas do Bairro Islâmico do Castelo de S. Jorge em Lisboa e no compartimento islâmico encontrado na Sé Catedral dessa mesma cidade⁵⁹.

Uma das divisões das casas e palácios islâmicos mais decoradas eram normalmente os pátios, estruturante das diversas divisões, assim como os salões, uma vez que estes eram locais muitas das vezes de recepções⁶⁰. Junto do compartimento respeitante ao salão, foi descoberto um muro que definia um outro compartimento um pouco sobrelevado em relação ao anterior, edificado com a mesma técnica construtiva e que se encontrava ligado a uma fossa séptica. A presença desta última

⁵⁵ ANTT, *Mesa da Consciência e Ordens, Ordem de Santiago*, Códice nº 194, fl. 16.

⁵⁶ ANTT, *Mesa da Consciência e Ordens, Ordem de Santiago*, Códice nº 194, fl. 16.

⁵⁷ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): urbanismo...*, pp. 5-10.

⁵⁸ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Alcácer do Sal Durante o Período Muçulmano...”, p. 225.

⁵⁹ BUGALHÃO, Jacinta – “Lisboa Islâmica: uma realidade em construção”. *Xelb* 9-6º (2009), p. 388. LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): urbanismo...*, pp. 7-8.

⁶⁰ NAVARRO PALAZÓN, Julio; JIMÉNEZ CASTILLO, Pedro – “Casas e Palacios de al-Andalus. Siglos XII-XIII”. In *Arquitectura residencial andalusi siglos XII-XIII*. Barcelona-Granada: Legado Andalusi / Lunverb Editores, 1995, p. 17.



Fig. 2 – Planta das estruturas, datadas do Período Muçulmano e Cristão, identificadas no interior da alcáçova muçulmana.

sugere a existência de rua, dado que aquelas encontravam-se nos arruamentos que davam acesso aos espaços residenciais, como podemos observar, por exemplo, no Bairro Islâmico de Mértola, assim como na Residência Paroquial e Zona da Arrochela em Silves⁶¹.

Esta pequena divisão tratar-se-ia de uma possível instalação sanitária, devido à sua posição sobrelevada em relação ao piso do salão, característica própria para o arejamento do compartimento, tal como surgiu no complexo de instalação sanitária identificada na alcáçova de Silves. Por outro lado, o facto de aquele possuir uma dimensão reduzida e achar-se ligado a uma fossa, justifica essa premissa⁶².

Para além destes compartimentos, surgiram outras divisões ao mesmo nível que estas construções, correspondentes a sectores de paredes islâmicas em conexão com silos e fossas. Do mesmo modo, achavam-se associadas a paredes datadas do Período Romano e Idade do Ferro, tendo sido reutilizadas também durante essa altura⁶³. Não foi possível fazer uma caracterização da sua função, somente

⁶¹ MACIAS, Santiago – *Mértola: o último porto do Mediterrâneo*, Vol. I, II, III. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2006, p. 408. GOMES, Rosa Varela – *Silves (Xelb) uma cidade do Gharb Al-Andalus: a zona da Arrochela*, espaços e quotidianos. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2011, p. 363.

⁶² LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): urbanismo...*, p. 8.

⁶³ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): urbanismo...*, p. 9.

uma análise de todo o espólio devidamente contextualizado poderá oferecer mais respostas acerca da funcionalidade destes compartimentos.

Nas proximidades da muralha que separa a alcáçova da *medina* foram identificados dois muros perpendiculares entre si, construídos em silharia de pedra⁶⁴. Foram descobertos no interior da referida estrutura materiais datados da segunda metade do século XII e primeira metade do século XIII, os quais tive a oportunidade de analisar e publicar em outros trabalhos⁶⁵. A disposição dos muros define um grande pátio, encontrando-se na parede que corre no sentido Este-Oeste, uma abertura para o escoamento de águas, semelhante às existentes em alguns pátios das casas do Bairro Islâmico de Mértola⁶⁶.

4. A ocupação cristã.

4.1. Testemunhos materiais.

A Reconquista Cristã de Alcácer do Sal, em 1217, tornou-se fundamental para a tomada dos territórios mais a Sul, tendo sido aquela entregue à Ordem de Santiago que ali instalou a sua sede⁶⁷. Subsistem alguns testemunhos materiais que evidenciam essa ocupação. Durante as intervenções arqueológicas no interior da alcáçova muçulmana foram descobertos, acima dos níveis muçulmanos e a cerca de 1,30 m de profundidade, paredes relativamente espessas que reaproveitaram os alicerces das antigas estruturas islâmicas, edificadas com silhares não aparelhados, ligados por argamassa à base de argila, datáveis dos séculos XIII e XIV, conforme se constatou pelos materiais identificados que se encontram hoje expostos no Museu da Cripta, entre eles um capitel Tardo-Medieval que poderá ter integrado o edifício⁶⁸. Em associação com estes muros estavam restos de pavimentos construídos com fragmentos de tijoleira reutilizados de construções do Período Romano⁶⁹.

⁶⁴ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Estudo de espólio cerâmico proveniente do interior de uma habitação almóada da alcáçova de Alcácer do Sal”. *Arqueología y Territorio Medieval* 23 (2016). Jaén: Universidad de Jaén, pp. 25-27.

⁶⁵ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Estudo de espólio cerâmico proveniente...”, pp. 23-39.

⁶⁶ MACIAS, Santiago – *Mértola: o último porto do Mediterrâneo*, 3 Vols. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2006, p. 397.

⁶⁷ PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Alcácer do Sal...*, p. 51.

⁶⁸ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): urbanismo...*, pp. 6-7.

⁶⁹ FARIA, João Carlos Lázaro; PAIXÃO, António Cavaleiro – *Relatório das escavações...*, pp. 18-19.



Fig. 3 – À esquerda restos de estruturas datadas de época cristã, sobrepostas às dos Períodos Muçulmano e Romano, e à direita pavimento em tijoleira dos Paços da Ordem de Santiago (cedidas pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcácer do Sal).

As paredes definem grandes salões que fariam parte, possivelmente, do edifício dos Paços da Ordem de Santiago que ali terá sido edificado após a tomada de 1217. Grande parte deste edifício cristão reaproveitou o antigo *al-qasr* do século IX, que depois terá sido adaptado a alcáçova durante o Período Califal, perdurando até ao Período Almóada, dando-lhe uma nova funcionalidade⁷⁰, sendo naquele que se tratavam e assinavam todos os despachos relacionados com as terras administradas pela Ordem, mas também assuntos de foro real, conforme se tem conhecimento através das fontes escritas⁷¹.

No século XVI, surge a seguinte referência aos Paços da Ordem: “*Os paaços desta villa que estam no castello sam da Ordem asy como estam cercados de parede e muro ao redor soomente fica demtro no dito cerquo huuns pardieiros que foram de Maria de Reeseemde e todo o majs he da Ordem*”⁷².

Esta afirmação vem reforçar a localização do receptivo edifício no interior da alcáçova muçulmana que se encontrava, como aludido anteriormente, separada do núcleo urbano por um pano de muralha. Esta hipótese foi também lançada pela investigadora Maria Pereira onde, nos seus trabalhos, localiza, similarmente, os Paços na zona onde estaria implantada a anterior alcáçova do Período Islâmico⁷³. Subsiste, ainda, daquele uma porta gótica, edificada com silhares bem aparelhados de biocalcarenito, que daria acesso ao exterior do mesmo.

Para além desta, existe ainda uma outra porta gótica no interior do edifício que foi construída na face Este da torre 4 do Período Emiral e que dava acesso a um piso superior dos Paços da Ordem. Hoje dá acesso a um quarto particular no

⁷⁰ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): urbanismo...*, pp. 6-7.

⁷¹ PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Os Cavaleiros de Santiago em Alcácer do Sal: século XII a fins do século XV*. Lisboa: Edições Colibri, 2015, p. 63.

⁷² ANTT, *Mesa da Consciência e Ordens, Ordem de Santiago*, Códice nº 154, fl. 90v.

⁷³ PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Alcácer do Sal...*, p. 74.

interior do edifício da pousada. Para além destas duas portas, existe ainda uma janela, situada na face Sul da mesma torre, também de arco gótico, que faria parte, possivelmente, da Capela de Santiago referida nas fontes⁷⁴.



Fig. 4 – Portas e janela de arco gótico.

Identificaram-se ainda durante as intervenções, junto da muralha que separava a alcáçova da *medina* por cima do pátio muçulmano, duas paredes perpendiculares datadas igualmente dos séculos XIII e XIV que definiam um espaço de cozinha que não terá sido totalmente escavada, onde se identificou uma lareira e restos de cinzas carbonizadas⁷⁵. Este compartimento estaria integrado no edifício dos Paços da Ordem de Santiago e seria o espaço onde se encontravam as cozinheiras que preparavam e cozinham os pratos que seriam servidos à mesa dos freires⁷⁶.

Para além destas estruturas foram ainda identificados noutros sectores, fora do espaço da alcáçova, restos de muros datados desta época, contudo a falta de informações sobre os mesmos, nomeadamente o desconhecimento face ao espólio que estaria em associação, assim como a ausência de referências aos mesmos nos relatórios das intervenções arqueológicas realizadas, impede-nos de efectuar uma caracterização daqueles.

4.2. Remediações nas torres e panos de muralha.

Durante o período de permanência dos cavaleiros da Ordem de Santiago em Alcácer do Sal foram efectuadas algumas obras de consolidação e reparação

⁷⁴ PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Alcácer do Sal...*, p. 76.

⁷⁵ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): urbanismo...*, p. 10.

⁷⁶ PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Os Cavaleiros de Santiago...*, p. 67.

nas muralhas e torres da fortificação, nomeadamente em 1348, no reinado de Afonso IV, tendo sido este chamado a intervir na discórdia entre a Ordem de Santiago e o Concelho de Alcácer, sobre qual destas entidades deveria proceder a reparações no recinto amuralhado que se achava na altura bastante arruinado⁷⁷. Em 1383, devido, certamente, à conjectura política que Portugal atravessava, ordenou D. Fernando que se reparam-se os muros, as torres e a barbacã do castelo⁷⁸. Data desta altura a construção em silharia de pedra, identificada na barbacã em 2003, quando se procedia a trabalhos de consolidação e limpeza na encosta Norte do castelo, a cargo do IPPAR⁷⁹.

Para além destas, foram introduzidas seteiras na torre do relógio, acrescentados contrafortes nos panos de muralha a Sul do conjunto amuralhado e reforçados os cunhais das torres com silhares de pedra de grande dimensão, sendo este aspecto visível nas torres 6, 7 e 9 da alcáçova⁸⁰, achando-se esta última característica igualmente nas torres do Castelo de Cáceres e de Palmela, também ela atribuída a fase posterior à Época Islâmica⁸¹.

Sobre a fortificação e a torre 9, também chamada de torre da adaga, diz-nos o padre Luís Cardoso, em 1747, numa das suas deslocações a Alcácer do Sal:

“seus muros occupão grande circuito, são de pedra, e alguma parte de taipa de formigão: tem de largura mais de vinte palmos, todos cercados de altas, e grandes torres; e entre ellas huma chamada da Adaga, por ter no meyo esta arma esculpida em huma pedra, denotando ser feita no tempo, que os mestres da Ordem de Santiago assistirão nesta villa. He de cantaria, obra fortíssima: tem de altura cento e vinte palmos, e de largura cem, e he quasi quadrada (...)”⁸².

Hoje em dia não se encontram vestígios da adaga esculpida, mencionada pelo padre Luís Cardoso, devido às intervenções que a DGEMN realizou na torre, todavia graças ao registo fotográfico antes dessas mesmas intervenções, podemos não só constatar que a torre se encontrava edificada com silhares de pedra, como possuía ainda, eventualmente, o que poderá ter sido a dita adaga esculpida numa das suas pedras e que terá sido tapada durante o restauro que nela se efectuou.

⁷⁷ PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Alcácer do Sal...*, p. 66.

⁷⁸ PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Alcácer do Sal...*, pp. 66-67.

⁷⁹ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território...*, p. 86.

⁸⁰ LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território...*, p. 86.

⁸¹ MÁRQUEZ BUENO, Samuel; GURRIARÁN DAZA, Pedro – “La muralla almohade de Cáceres...”, p. 67. FERNANDES, Isabel Cristina – *O Castelo de Palmela...*, pp. 244-246.

⁸² CARDOSO, Padre Luiz – *Diccionario Geografico...*, p. 135.



Fig. 5 – À esquerda torre 9 da alcáçova e à direita adaga esculpida (Arquivo da DGEMN, 1981).

5. Síntese.

As intervenções arqueológicas realizadas, entre 1993 e 1997, no Castelo de Alcácer do Sal, designadamente no espaço correspondente ao Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, a cargo do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR) e da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, permitiram dar a conhecer as diferentes fases de ocupação do arqueossítio. Entre elas foi possível identificar os alicerces do antigo palácio fortificado do Período Emiral, perceber a sua evolução para uma alcáçova e, posteriormente, a sua adaptação ao edifício dos Paços da Ordem de Santiago.

A situação geográfica de Alcácer do Sal, com uma posição privilegiada sobre o rio Sado, possibilitou que durante a Idade Média a cidade adquirisse grande importância política, militar e económica. A navegabilidade do rio até Porto Rei permitiu os contactos entre o interior do Alentejo e a grande região de Lisboa facilitando o escoamento de produtos. Para além do rio, não nos podemos esquecer que existia também uma série de caminhos terrestres, em grande parte herdados do Período Romano, que ligavam a cidade a outros núcleos urbanos, integrando-a, assim, numa rede propiciadora de contactos.

Durante a longa permanência islâmica, Alcácer foi alvo de distintos acontecimentos que obrigaram a uma reestruturação das defesas da cidade, mas também do seu território, visando defender e controlar os principais caminhos e

as zonas costeiras. Os ataques vikings, ocorridos no século IX, fizeram com que os Omíadas reforçassem militarmente toda a costa junto ao rio Sado e instalassem um estaleiro de construção naval na cidade, que serviu, mais tarde, em finais do século X, para as operações militares contra Santiago de Compostela, efectuadas por *Ibn'Amir al-Mansur*, impulsionando, assim, o seu crescimento.

Após a queda do Califado e o surgimento dos Reinos de Taifas continuou-se a utilizar as muralhas e espaços habitacionais do Período Omíada, embora com algumas reformulações. Foi, contudo, durante o Período Almorávida e, sobretudo, Almóada, que se edificaram novos sistemas defensivos, mais complexos que os anteriores, visando proteger a cidade. O acentuado aumento dos conflitos entre cristãos e muçulmanos com a fronteira a descer para Sul, inicialmente na grande região de Lisboa e, posteriormente, em torno da Serra da Arrábida, obrigaram naturalmente ao reforço das defesas da cidade e do seu território. Com a Reconquista Cristã de 1217, Alcácer continuou a manter a sua importância de base militar e naval, fundamental para a tomada dos territórios situados no Alentejo e Algarve, tornando-se, deste modo, nos primórdios da presença cristã do pós-reconquista, num centro urbano económico e militar essencial no alargamento e consolidação das fronteiras do Reino de Portugal.

BIBLIOGRAFIA

Fontes manuscritas

ANTT, *Mesa da Consciência e Ordens, Ordem de Santiago*, Códice nºs 154 e 194.

Fontes impressas

Árabes

Al-IDRÎSÎ – *Description de l'Afrique et de l'Espagne* (Texte arabe avec une traduction des notes et un glossaire par Reinhart Dozy et Michael Jean de Goeje). Leiden: E. J. Brill, 1866.

Al-IDRÎSÎ – *La première Géographie de L'Occident* (Presentation, notes, index, chronologie et bibliographie par Henri Bresc et Annliese Nef, traduction du chevalier Jaubert, revue par Annliese Nef). Paris: Flammarion, 1999.

AL-HIMYARI – *La Péninsule Ibérique au Momyen Âge d'après le Kitâb al-Rawd ad-Mi'târ fi jabar al-Aqtâr d'Ibn 'Abd al-Mun'im al-Himyari*. Traducción de Évariste Lévi-Provençal. Leyden: E. J. Brill, 1938.

CRÓNICA ANÓNIMA de *Abd al-Rahmân III al-Nâsir* (Edit e trad. por E. Lévi-Provençal e E. Garcia Gómez). Madrid – Granada: C.S.I.C., 1950.

IBN HAYYÂN, *almuqtabis II-1 – Crónica de los emires Alhakam I y Abdarrahmân II entre los años 796 y 847* (Trad. notas e índices, Mamud Ali Makki e Federico Corriente). Zaragoza: I.E.I.O.P., 2001.

REI, António – *O Gharb Al-Andalus Al-Aqsâ na Geografia Árabe (séculos III h. / IX d.c. - XI h. / XVII d.c.)*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2012.

Cristãs

CARDOSO, Padre Luiz – *Diccionario Geografico, ou Noticia Historica de todas as cidades, Villas, Lugares, e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: Regia Officina Sylviana / Academia Real, 1747.

GALVÃO, Duarte – *Chronica do Muito Alto, e Muito Esclarecido Principe D. Affonso Henriques Primeiro Rey de Portugal*. Lisboa Occidental: Officina Ferreyriana, 1726.

Estudos

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *História da Arte em Portugal: arte da alta Idade Média*, vol. II. Lisboa: Publicações Alfa, 1993.

AFONSO, Carlos Filipe – “Técnicas e tácticas de assédio e defesa dos castelos de Portugal no contexto da reconquista – O caso de Alcácer, 1217”. In FERNANDES, Isabel Cristina (Coord.) – *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Vol. II. Lisboa: Edições Colibri / Campo Arqueológico de Mértola, 2013, pp. 517-539.

BUGALHÃO, Jacinta – “Lisboa Islâmica: uma realidade em construção”. *Xelb* 9-6º (2009), pp. 379-393.

CARVALHO, António Rafael – *Alcácer do Sal no final do Período Islâmico (Séculos XII-XIII): Novos Elementos sobre a 1ª Conquista Portuguesa*. Alcácer: Município de Alcácer do Sal, 2008.

CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol Aires – *Al-Qasr Arqueologia e Historia de uma Madina do Garb al-Andalus sécs. VIII-XIII*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal, 2008.

CATARINO, Helena – “Breve sinopse sobre topónimos Arrábida na costa portuguesa”. In FRANCO SÁNCHEZ, Francisco (Ed.) – *La rábita en el islam: estudios interdisciplinares*. Ajuntament de Sant Carles de la Ràpita / Universitat d’Alacant, 2004, pp. 263-274.

CATARINO, Helena – “O castelo de Paderne (Albufeira): Resultados da primeira intervenção arqueológica”. *Arqueologia Medieval* 3 (1994). Mértola: Edições Afrontamento, pp. 73-87.

COBALEDA, María Marcos – “Restos materiales del papel de Algeciras en la conquista almorávide de al-Andalus”. In COSTA, Adelaide Millán da; ANDRADE, Amélia Aguiar; TENTE, Catarina (Eds.) – *O papel das pequenas cidades na construção da Europa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2007, pp. 161-176.

CORREIA, Fernando Branco – *Elvas na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri/CIDEHUS-Universidade de Évora, 2013.

CORREIA, Fernando Branco – “Fortificações de iniciativa omíada no Gharb al-Andalus nos séculos IX e X – hipóteses em torno da chegada dos Majus (entre Tejo e Mondego)”. In FERNANDES, Isabel Cristina (Coord.) – *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Vol. II. Lisboa: Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, 2013, pp. 73-86.

COTTART, Nicole Danièle; CARVALHO, António – “Os grafitos da muralha almóada de Alcácer do Sal”. *Conimbriga* XLIX (2010), pp. 183-223.

DOZY, Reinhart – *Historia de los musulmanes de España*, III-IV. Madrid: Turner Publicaciones, S.L, 2010.

- ENDERLEIN, Volkmar – “Syria and Palestine: The Umayyad caliphate”. In HATTSTEIN, Markus; DELIUS, Peter (Eds.) – *Islam: Art and Architecture*. Tandem Verlag GmbH, Konemann, 2004, pp. 59-87.
- FARIA, João Carlos Lázaro – *Relatório da intervenção arqueológica na necrópole de S. Francisco*. Alcácer do Sal: Arqueohoje, 2000.
- FARIA, João Carlos Lázaro; PAIXÃO, António Cavaleiro – *Relatório das escavações arqueológicas no convento de Nossa Senhora de Aracaeli*. Alcácer do Sal, 1996.
- FARIA, João Carlos Lázaro – *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*. Lisboa: Edições Colibri, 2002.
- FERNANDES, Isabel Cristina ; PICARD, Christophe – “La Défense côtière à l’ époque musulmane: l’ exemple de la presqu’île de Setúbal”. *Archéologie Islamique* 8 (1999). Paris: CNRS / Maisonneuve et Larose, pp. 67-94.
- FERNANDES, Isabel Cristina – *O Castelo de Palmela do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri, 2004.
- GOMES, Rosa Varela – *Arquitecturas: Testemunhos Islâmicos em Portugal*. Lisboa: Castelo de São Jorge, 2013.
- GOMES, Rosa Varela – *Silves (Xelb) uma cidade do Gharb Al-Andalus: o núcleo urbano*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2006.
- GOMES, Rosa Varela – *Silves (Xelb) uma cidade do Gharb Al-Andalus: a zona da Arrochela, espaços e quotidianos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2011.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela – “Castelo Belinho-Uma residência fortificada almoada”. In FERNANDES, Isabel Cristina (Coord.) – *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Vol. II. Lisboa: Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, 2013, pp. 141-152.
- LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “A Porta Muçulmana da Alcáçova de Alcácer do Sal”. *Al-Madan*, II Série, 20:2 (2016), pp. 80-85.

LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Alcácer do Sal Durante o Período Muçulmano (IX-XIII)”. *Debates de Arqueologia Medieval*, nº 6 (2016). Granada, pp. 209-234.

LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): o território e o sistema defensivo*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

LEITÃO, Marta Isabel Caetano – *A Presença Islâmica em al-Qasr (Alcácer do Sal): urbanismo, quotidianos e cultural material*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

LEITÃO, Marta Isabel Caetano – “Estudo de espólio cerâmico proveniente do interior de uma habitação almóada da alcáçova de Alcácer do Sal”. *Arqueologia y Territorio Medieval* nº 23 (2016). Jaén: Universidad de Jaén, pp. 23-39.

MACIAS, Santiago – *Mértola: o último porto do Mediterrâneo*, 3 Vols. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2006.

MÁRQUEZ BUENO, Samuel; GURRIARÁN DAZA, Pedro – “La muralla almohade de Cáceres: aspectos constructivos, formales y funcionales”. *Arqueología y territorio medieval*, nº 10: I (2003), pp. 57-118.

NAVARRO PALAZÓN, Julio; JIMÉNEZ CASTILLO, Pedro – “Casas e Palacios de al-Andalus. Siglos XII-XIII”. In *Arquitectura residencial andalusi siglos XII-XIII*. Barcelona-Granada: Legado Andalusi / Lunwerb Editores, 1995, pp. 17-32.

NAVARRO PALAZÓN, Julio; JIMÉNEZ CASTILLO, Pedro – *Excavaciones arqueológicas en la ciudad de Murcia: Platería 14. Sobre cuatro casas andalusíes y su evolución (siglos X-XIII)*. Murcia: Centro de Estudios Arabes y Arqueológicos “Ibn Arabi”, 1997.

PAIXÃO, António Manuel Cavaleiro; CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos Lázaro – “Contributo para o estudo da ocupação muçulmana no Castelo de Alcácer do Sal: O Convento de Aracoelli”. *Arqueologia Medieval* 7 (2001). Mértola: Edições Afrontamento, pp. 197-209.

PAIXÃO, António Manuel Cavaleiro; CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos Lázaro – “O castelo de Alcácer do Sal. Um projecto de arqueologia urbana”. *Bracara Augusta*, 46 (1994). Braga, pp. 215-264.

- PAVÓN MALDONADO, Basilio – *Ciudades y Fortalezas Lusomusulmanas* – Crónicas de viajes por el *sur de Portugal*. Madrid: Agencia Espanõla de Cooperacion Internacional, 1993.
- PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Alcácer do Sal na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.
- PEREIRA, Maria Teresa Lopes – *Os Cavaleiros de Santiago em Alcácer do Sal: século XII a fins do século XV*. Lisboa: Edições Colibri, 2015.
- PICARD, Christophe – *Le Portugal musulman (VIII^e-XIII^e siècle): l'occident d'Al-Andalus sous domination islamique*. Paris: Maisonneuve et Larose, 2000.
- SILVA, Carlos Guardado da – *Lisboa Medieval – A organização e estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Edições Colibri, 2010.
- STIERLIN, Henri – *Islão: de Bagdade a Córdova – A arquitectura primitiva do século VII ao século XIII*. Hohenzollernring: Taschen, 2002.
- SOLER, Alvaro; ZOZAYA, Juan – “Castillos omeyas de planta cuadrada: su relación funcional”. In CONDE, J. Fernández (Coord.) – *III Congresso de Arqueología Medieval Española. Actas III Comunicaciones*. Oviedo: Universidad de Oviedo, 1989, pp. 265-274.
- TORRES BALBÁS, Leopoldo – *Ciudades Hispanomusulmanas*. Madrid: Instituto Hispano Árabe de Cultura, 1985.
- VILLADA PAREDES, Fernando; GURRIARÁN DAZA – Pedro “Recientes investigaciones sobre las fortificaciones del Califato Omeya en el estrecho de Gibraltar (Tarifa, Algeciras, Tãnger, Ceuta)”. in FERNANDES, Isabel Cristina (Coord.) – *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, vol. II. Lisboa: Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, 2013, pp. 51-62.
- ZOZAYA, Juan – “Fortificaciones tempranas”. *Actas del I Congreso de Castellología Ibérica*. Palencia: Excma Diptucación Provincial de Palencia, 1994, pp. 71-146.

Reúnem-se nesta publicação 28 artigos produzidos por 34 investigadores provenientes de Portugal, Espanha, França e Alemanha que cobrem uma ampla cronologia que se estende entre a Antiguidade tardia o dealbar do século XVI, compreendendo não só distintos espaços políticos cristãos mas também os de presença islâmica como o Al-Andalus e o reino nazari de Granada. Tal permite perspetivas diacrónicas e, a possibilidade de estabelecer frutuosas comparações.

O âmbito da temática proposta para a segunda edição das Jornadas, a articulação entre os poderes presentes na cidade medieval e a sua relação com o espaço urbano como local de atuação e representação, foi extremamente propícia à interdisciplinaridade, manifestando-se em profícuos debates entre historiadores, arqueólogos, especialistas de arquivística, paleografia e heráldica e ainda historiadores de arte. Dai que as fontes de informação que sustentam os trabalhos que aqui se publicam sejam muito diversificadas – documentos escritos, heráldica, vestígios materiais, iconografia, iconologia, cartografia, entre outros – contribuindo não apenas para a riqueza das abordagens realizadas mas também proporcionando ao leitor a possibilidade de conhecer abundante material ilustrativo pouco conhecido ou, até mesmo, inédito.

Editores, Apresentação.

Apoio:

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

